

augusto
de campos

REVER

curadoria
daniel rangel

sesc santo andré
são paulo

22 de setembro -
04 de dezembro
2016

palavras, palavras, palavras

por

suposto

'scanto

eu

rochaedo

meu

rupestro

cactus

ab

rupt

ao mar: us

somos

um unis

sono

poetamenos

ao ser perguntado por polônio sobre o que estava lendo, hamlet responde: "palavras, palavras, palavras". nesse trecho da dramaturgia somos confrontados, de súbito, com a materialidade do vocábulo triplicado por shakespeare. a repetição do termo, praticada dentro do mesmo enunciado e

numa sequência em eco, presentifica a palavra como objeto dotado de espessura própria, constitutiva de sua existência enquanto signo.

como se pode notar nesse fragmento da peça, escrita no início do século xvii, operações linguísticas dessa natureza já podiam ser vislumbradas antes mesmo das experimentações formais realizadas, de maneira programática, por autores vanguardistas durante os séculos xix e xx. foi essa vanguarda literária, no entanto, a responsável por enfatizar a intersecção de diferentes camadas expressivas em uma única construção verbal, tornando a nossa sensibilidade propensa aos seus efeitos. augusto de campos é, sem dúvida, um de seus representantes.

suas composições verbivocovisuais lidam de modo multissensorial com as palavras, explorando os cruzamentos entre as dimensões verbal, vocal e visual. enquanto artefatos semânticos, os poemas de campos convocam nossos sentidos para experiências sinestésicas de leitura, em que os diversos estratos perceptivos se atravessam, exercendo influências mútuas.

com a itinerância da mostra *rever_ augusto de campos*, o sesc promove a circulação de um panorama retrospectivo de sua obra. nele, poemas históricos em versão fac-símile são conjugados a traduções recentes para suportes distintos, incluindo os digitais. trata-se de ver tais poemas novamente, mas também de vê-los materializados em outras mídias, onde adquirem desdobramentos inéditos. com isso, a instituição convida seus públicos a interagir de formas múltiplas com os constructos poéticos desse criador que, ao lado de haroldo de campos e décio pignatari, lançou as bases da poesia concreta no brasil.

danilo santos de miranda
diretor regional do sesc são paulo

ovo
n o v e l o
novo no velho
o filho em folhos
na jaula dos joelhos
infante em fonte
f e t o f e i t o
dent ro d o
centro

nu
d e s d o
nada até o hum
ano mero n u
mero d o zero
crua criança incru
stada no cerne da
carne viva en
fim nada

o
p o n t o
onde se esconde
lenda ainda antes
e n t r e v e n t r e s
quando queimando
os seios são
peitos nos
dedos

no
turna noite
em torno em treva
turva sem contorno
morte negro nó cego
sono do morcego nu
ma sombra que o pren
dia preta letra que
s e t o r n a
sol

REV3R

penso em REV3R (que adota o título de um dos meus poemas com a última sílaba revertida em espelho) como uma exposição, ao mesmo tempo, retrospectiva e prospectiva, abarcando minhas produções desde o *rei menos o reino* (1951) até *outro* (2015).

exposição retrospectiva porque abrange obras que representam todas as etapas da minha poesia, em amplo arco de informações, e tendo em vista que várias dessas obras fazem parte do acervo histórico da poesia concreta, de que fui um dos fundadores e teóricos, ao lado de Décio Pignatari e Haroldo de Campos.

mas exposição prospectiva, também, porque procura acentuar alguns dos trabalhos que mais se alinham ao programa “verbivocovisual”, que minha poesia assumiu desde os poemas multicoloridos da série *poetamenos*, criados em 1953, divulgados em datilogramas no ano seguinte e publicados na revista-livro *noigandres* n° 2 (1955), projetando-se em meus últimos experimentos com a linguagem computacional.

a mostra revisita a fase ortodoxa, assinalada pela exposição nacional de arte concreta (mam, 1956; mec, 1957) e pelos manifestos da poesia concreta (1956-58), e as fases posteriores, entre 1960 e 70 – a dos poemas participantes (“popcretos”)

e as de outros poemas ainda, abertos a pesquisas da linguagem entre a imagem e a palavra, acolhendo, também, exemplos de obras aleatórias e conceituais que introduzem novas abordagens, até chegar às produções videográficas e digitais da década de 1990 e dos últimos anos, que buscam novos caminhos para as poéticas do presente.

obras que, todas elas, põem em destaque a materialidade da palavra, em suas dimensões verbal, vocal e visual, incluindo suas repercussões ao nível musical. nesse sentido, a abrangência da mostra não se restringe à reprodução dessas obras, mas se prolonga em desdobramentos interpretativos, com a adoção de novos suportes, que ampliam sua repercussão imagética e sugerem leituras gráficas, vocais e musicais imprevistas.

documentos originais, pela primeira vez exibidos – como os datilogramas em cores de *poetamenos* e os “popcretos” dos anos 1960 –, emprestam à mostra, que é a maior individual de meus trabalhos, um caráter inédito.

entendo que, nas últimas décadas, a revolução tecnológica, que assomou vertiginosamente os meios informativos e culturais, veio ratificar o projeto a que dediquei meu trabalho, com meus companheiros da poesia concreta, há mais de meio século. mais que poesia concreta, a obra, em seu conjunto, se pretende poesia experimental, poesia de invenção, que se explicita no diálogo permanente que se procura estabelecer entre o verbal e o não verbal. um diálogo que busca a comunicação interdisciplinar e até interativa. poesia do “menos”, como foram nomeados meus poemas em cores dos anos 1950, do “ex”, do “des” e do “não”, mas também poesia do “entre”, como está em um dos meus *poemóbiles*. e, como já afirmei, certa vez, poesia com “saudades do futuro”. mas que se quer, antes de tudo, poesia.

augusto de campos

com
som

can
tem

con
tem

ten
são

tam
bem

tom
bem

sem
som

a arte *verbivocovisual*
de augusto de campos

em 1956, há sessenta anos, aconteceu, no museu de arte moderna de são paulo, a 1ª exposição nacional de arte concreta. a mostra marca o início do movimento concretista no país e foi a primeira a reunir, em um mesmo espaço expositivo, escultores e pintores junto a poetas.

obras de importantes artistas, como waldemar cordeiro, geraldo de barros, luiz sacilotto, lygia pape, lygia clark, hélio oiticica e o homenageado da mostra, alfredo volpi, entre outros, dividiram as paredes com poemas-cartazes de augusto de campos, haroldo de campos, décio pignatari, teóricos do movimento de poesia concreta, que compunham o grupo noigandres, e mais os poetas ferreira gullar, ronaldo azeredo e wladimir dias-pino, sediados no rio de janeiro.

os manifestos da poesia concreta, então publicados com a assinatura dos irmãos haroldo e augusto de campos, e de décio pignatari, davam os contornos da poética que agitou os meios culturais da época. eles defendiam uma nova concepção de poesia, que assinalavam com o termo *verbivocovisual*, por eles adaptado da obra mais radical do escritor irlandês james joyce, *finnegans wake*. com essa expressão, queriam destacar a materialidade do poema, em todas as suas dimensões – não apenas a semântica, mas a sonora e a visual –, propondo uma poesia minimalista, sintética,

livre das amarras do discurso convencional.

a proposta poética retoma um diálogo interrompido com as vanguardas europeias do início do século 20, com fundamentos no “poema-livro gráfico-espacial” de stéphane mallarmé, *um lance de dados (un coup de dés)*, simultaneamente aos “caligramas”, poemas visuais de guillaume apollinaire, no contexto do surgimento e da expansão do cubismo, do futurismo e do dadaísmo. entre os precursores da nova poesia, os teóricos do movimento destacavam, além da obra fundamental de mallarmé e das obras vanguardistas de joyce e apollinaire, as dos americanos ezra pound e e.e. cummings, assim como as dos brasileiros oswald de andrade e joão cabral de melo neto. outras referências importantes: nas artes visuais, piet mondrian, kazimir malevich e a arte concreta; na área musical: schoenberg, webern, a música eletrônica, pierre boulez, karlheinz stockhausen e john cage.

augusto fez parte da célebre exposição de 1956, integrou o grupo noigandres e hoje, aos 85 anos, encontra-se em plena atividade poética, artística e intelectual. sua atuação, como poeta, tradutor-artista, crítico de literatura e de música, expressa em mais de sessenta obras publicadas, possui grande reconhecimento internacional. nesse âmbito, participou de inúmeras exposições, tendo sua poesia divulgada em livros e publicações nacionais e internacionais. a mostra *rever*, maior individual já realizada pelo “artista-poeta”, reúne um abrangente recorte de trabalhos que exploram, sobretudo, o conceito da poesia *verbivocovisual*.

poemas que emanam das publicações, e se transformam em serigrafias, objetos, esculturas, colagens, instalações, livros-objetos, áudios, vídeos, manuscritos e documentos históricos, compõem a mostra. a seleção teve como ponto de partida os quatro livros de poesia editados por augusto: *viva vaia* (1979), que reúne a produção do poeta desde seu primeiro livro (*o rei menos o reino*, 1951) e dos subsequentes *despoesia* (1994), não

eixo olho
polo fixo
eixo flor
peso fixo
eixos solo
olho fixo

(2003) e *outro* (2015), além de obras sonoras e audiovisuais produzidas por ele ao longo de seu percurso.

uma produção que vem influenciando gerações de artistas, e que, além do meio literário, mantém uma estreita relação com as artes visuais e a música. augusto foi fonte de inspiração para muitos compositores, eruditos e populares, e prossegue em seu trabalho contínuo de exploração sonora na área experimental entre poesia e música. sua obra, que nas últimas décadas se expandiu para o universo das novas mídias, confirmou-se na linguagem digital, em poemas interdisciplinares, dos quais esta exposição apresenta numerosos exemplos.

a mostra *rever* é histórica e, ao mesmo tempo, inovadora. percorre sua trajetória de forma cronológica e também oferece novas leituras para muitos de seus trabalhos. busca exibir um amplo panorama de sua produção, interpretar sua poesia em diversos suportes visuais e sonoros, e inserir sua obra, já consagrada no meio literário, no âmbito das artes visuais, definitivamente.

percurso pelas dimensões poéticas

a expografia propõe criar um diálogo entre a arquitetura do espaço do sesc pompeia, a cronologia e os variados suportes das obras, que foram divididos em diferentes núcleos. o primeiro espaço concentra os principais poemas de augusto, em diferentes suportes, e estrutura-se a partir de videoprojeções e instalações em diversos materiais, muitas criadas especialmente para a mostra. a dimensão verbivocovisual, sobretudo a *visual*, é explorada de forma a explicitar a relação direta de sua produção com as artes visuais.

o segundo núcleo organiza-se a partir de uma parede-linha-cronológica com trabalhos serigráficos de importantes poemas de diferentes períodos de sua trajetória. em um mesmo formato, e impressas em *fineart* ou serigrafia sobre papel, as obras são ampliações dos layouts dos poemas

publicados. esta seção realiza uma transição da mostra de retorno ao universo dos livros e escrito, a dimensão *verbi*.

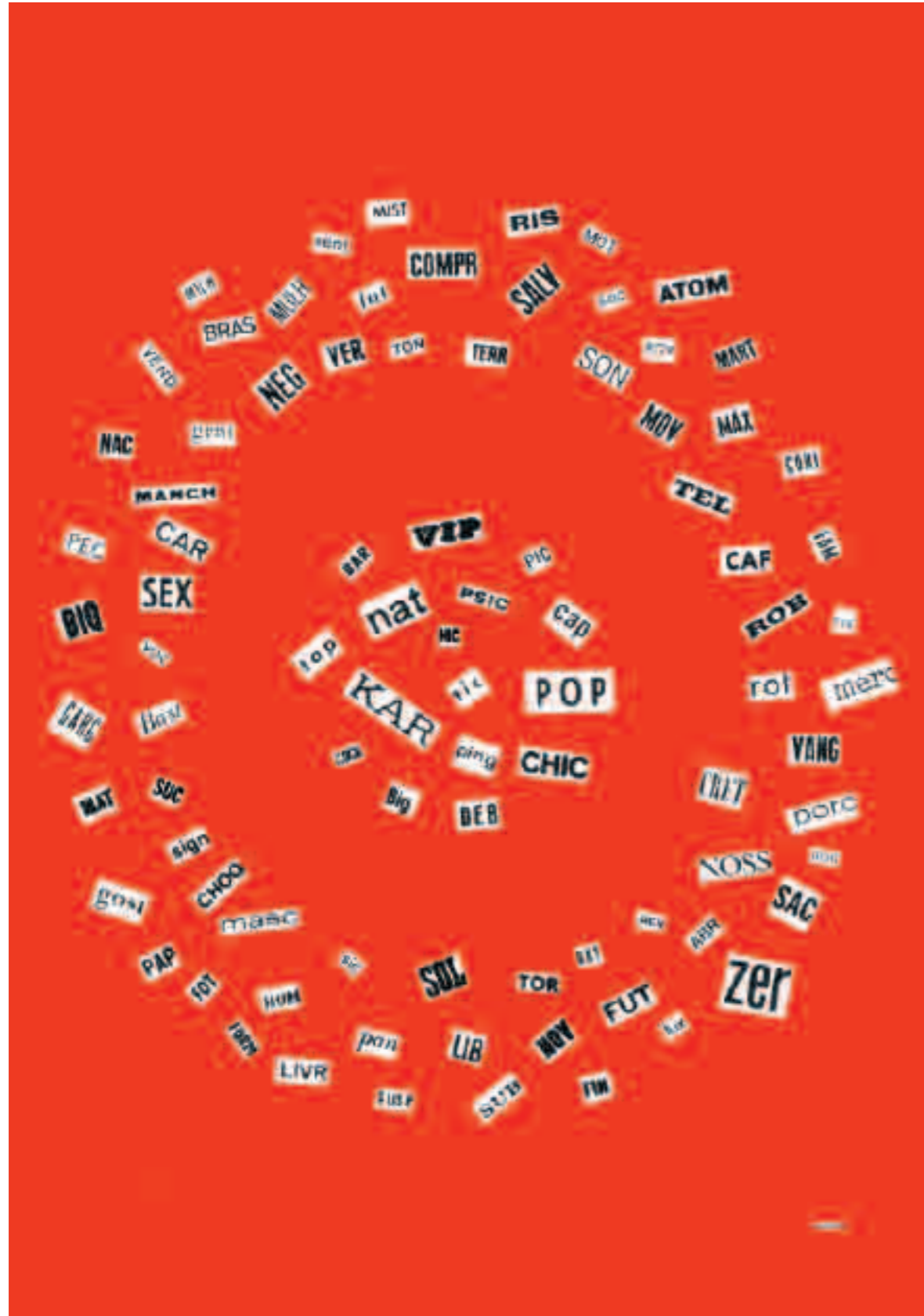
o terceiro núcleo, área das vitrines, concentra as publicações de augusto, manifestos, manuscritos, publicações históricas, fotografias, objetos e protótipos de obras produzidos desde os anos 1950 até a atualidade. raridades como os carbonos utilizados na “feitura” dos *poetamentos* (1953) e livros de artista, como *a caixa preta* (1975), *poemóbiles* (1974) e *expoemas* (1985). uma miscelânea que viaja através do tempo, de forma delicada, e que aproxima o gênio do homem.

ainda nesse espaço, também denominado gabinete, disponibilizamos coletâneas com gravações sonoras da obra de augusto e tablets com vídeos interativos criados por ele. a dimensão *voco* é aqui explorada, e suas traduções e poemas são musicados ou ganham leituras interpretadas. experiências feitas com diferentes músicos, e outros poetas, em períodos distintos, mas nas quais se ressalta, sobretudo, a parceria com seu filho, o músico e produtor musical *cid campos*, iniciada a partir de 1987 e que segue até o presente.

uma sala de vídeos completa a exposição: trabalhos realizados por augusto que em sua maioria integram o cd-rom que acompanha o livro *não* (2003) e os links que fazem parte do último livro de poemas denominado *outro* (2014).

a ideia é criar um ambiente imersivo com os poemas, sejam esses escritos, falados, desenhados, esculpidos ou projetados. uma “invasão” poética e visual de augusto de campos onde a palavra é expandida para além dos limites dos livros. uma homenagem necessária, que reúne tempos e espaços distintos, e que busca *rever* a obra de um dos mais importantes poetas e artistas do país.

daniel rangel
curador



A M O R
A M O R
A M O R R
A M O R T R
A M O R T E R
A M O R T E M R
A M O R T E M O R
A M O R T E M O R

plano-piloto para poesia concreta

poesia concreta: produto de uma evolução crítica de formas. dando por encerrado o ciclo histórico do verso (unidade rítmico-formal), a poesia concreta começa por tomar conhecimento do espaço gráfico como agente estrutural. espaço qualificado: estrutura espaciotemporal, em vez de desenvolvimento meramente temporístico-linear. daí a importância da ideia de ideograma, desde seu sentido geral de sintaxe espacial ou visual até o sentido específico (fenollosa/pound) de método de compor baseado na justaposição direta – analógica, não lógico-discursiva – de elementos. “il faut que notre intelligence s’habitue à comprendre synthético-idéographiquement au lieu de analytico-discursivement” [é preciso que nossa inteligência se habitue a pensar sintético-ideogramicamente em lugar de analítico-discursivamente] (apollinaire). eisenstein: ideograma e montagem.

precursores: mallarmé (*un coup de dés*, 1897): o primeiro salto qualitativo: “subdivisions prismatiques de l’idée”; espaço “blancs” e recursos tipográficos como elementos substantivos da composição. pound (*the cantos*): método ideogrâmico. joyce (*ulysses* e *finnegans wake*): palavra-ideograma; interpenetração orgânica de tempo e espaço. cummings: atomização de palavras, tipografia fisiognômica; valorização expressionista do espaço. apollinaire (*calligrammes*): como visão, mais do que como realização. futurismo, dadaísmo: contribuições para a vida do problema. no brasil: oswald de andrade (1890-1954): “em comprimidos, minutos de poesia”. joão cabral de melo neto (nascido em 1920 – o engenheiro e a psicologia da composição mais antiode): linguagem direta, economia e arquitetura funcional do verso.

poesia concreta: tensão de palavras-coisas no espaço-tempo. estrutura dinâmica: multiplicidade de movimentos concomitantes. também na música – por definição, uma arte do tempo – intervém o espaço (webern e seus seguidores. boulez e stockhausen; música concreta e eletrônica); nas artes visuais – espaciais, por definição – intervém o tempo (mondrian e a série *boogie-woogie*; max bill; albers e a ambivalência perceptiva; arte concreta em geral).

ideograma: apelo à comunicação não-verbal. o poema concreto comunica a própria estrutura: estrutura-conteúdo. o poema concreto é um objeto em e por si mesmo, não um intérprete de objetos exteriores e/ou sensações mais ou menos subjetivas. seu material: a palavra (som, forma visual, carga semântica). seu problema: um problema de funções-relações desse material. fatores de proximidade e semelhança, psicologia da *gestalt*. ritmo: força relacional. o poema concreto, usando o sistema fonético

(dígitos) e uma sintaxe analógica, cria uma área linguística específica – “verbivocovisual” – que participa das vantagens da comunicação não-verbal sem abdicar das virtualidades da palavra. com o poema concreto ocorre o fenômeno da metacomunicação: coincidência e simultaneidade da comunicação verbal e não-verbal, com a nota de que se trata de uma comunicação de formas, de uma estrutura-conteúdo, não da usual comunicação de mensagens.

a poesia concreta visa ao mínimo múltiplo comum da linguagem, daí sua tendência à substantivação e à verbificação: “a moeda concreta da fala” (sapir). daí suas afinidades com as chamadas “línguas isolantes” (chinês): “quanto menos gramática exterior possui a língua chinesa, tanto mais gramática interior lhe é inerente” (humboldt via cassirer). o chinês oferece um exemplo de sintaxe puramente relacional, baseada exclusivamente na ordem das palavras (ver fenollosa, sapir e cassirer).

ao conflito de fundo-forma em busca de identificação, chamamos de isomorfismo. paralelamente ao isomorfismo fundo-forma, se desenvolve o isomorfismo espaço-tempo, que gera o movimento. o isomorfismo, num primeiro momento da pragmática poética concreta, tende à fisiognomia, a um movimento imitativo do real (*motion*); predomina a forma orgânica e a fenomenologia da composição. num estágio mais avançado, o isomorfismo tende a resolver-se em puro movimento estrutural (*movement*); nesta fase, predomina a forma geométrica e a matemática da composição (racionalismo sensível).

renunciando à disputa do “absoluto”, a poesia concreta permanece no campo magnético do relativo perene.

cronomicrometragem do acaso. controle. cibernética. o poema como um mecanismo, regulando-se a si próprio: *feedback*.

a comunicação mais rápida (implícito um problema de funcionalidade e de estrutura) confere ao poema um valor positivo e guia a própria confecção.

poesia concreta: uma responsabilidade integral perante a linguagem. realismo total. contra uma poesia de expressão, subjetiva e hedonística. criar problemas exatos e resolvê-los em termos de linguagem sensível. uma arte geral da palavra. o poema-produto: objeto útil.

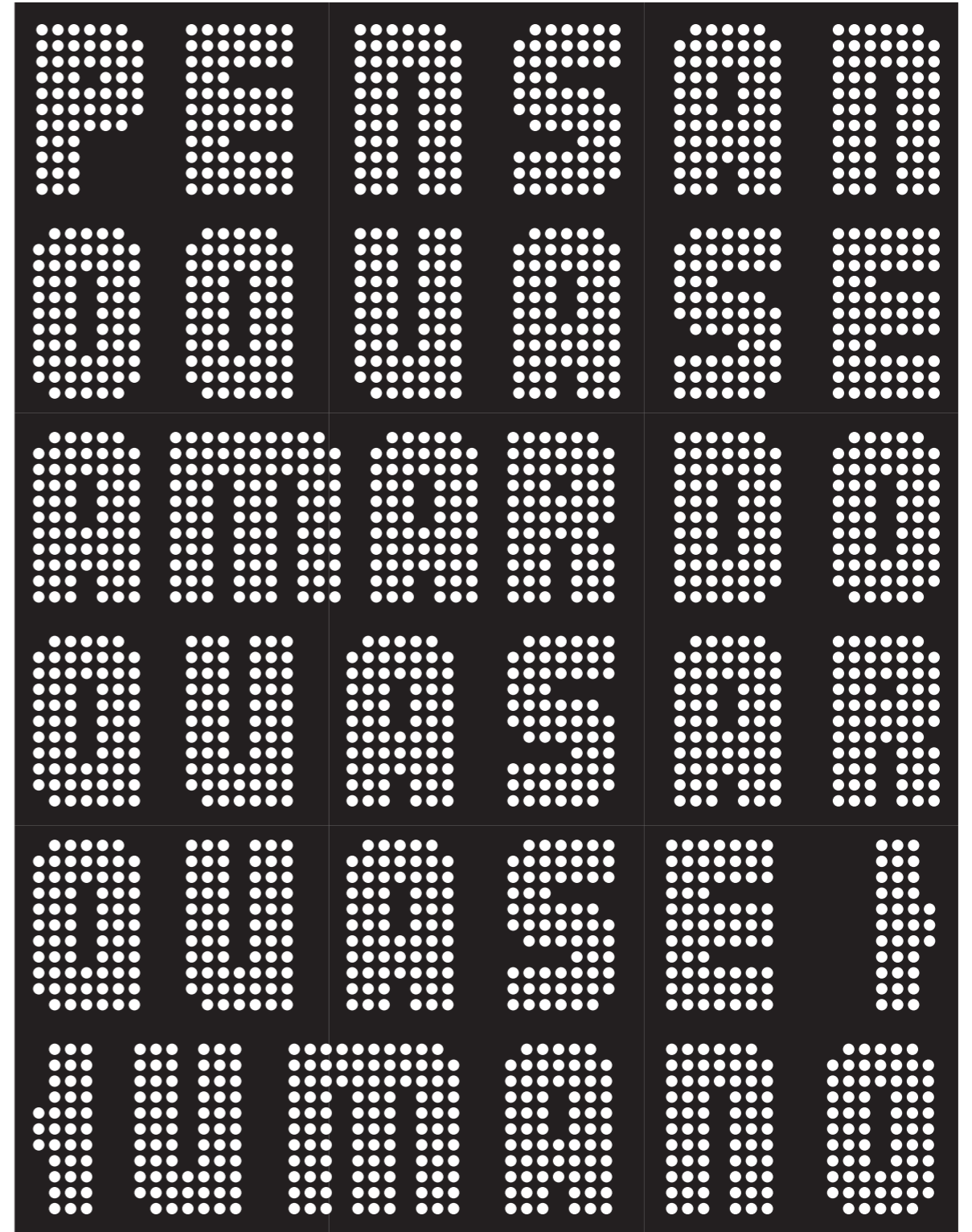
post-scriptum 1961: “sem forma revolucionária não há arte revolucionária” (maiakovski).



REVER



·ND★ QU★R QU★ V·C★ ★ST★JA
 ★M MART★ ·U ★LD·RAD·
 ABRA ▲ JAN★LA ★ V★JA
 ● PULSAR QUAS★ MUD●
 ABRAÇ● D★ AN●S LUZ
 QU· N·NHUM SOL AQU·C·
 ● ●●● SCURO ·SQU·C·



COR(EM(COME(CA(MINHA) BEÇA)ÇA)MEU)AÇÃO

CABE(EM(NÃO(COR(MEU) AÇÃO)CABE)MINHA)ÇA

QUIS
MUDAR TUDO
MUDEI TUDO
AGORAPÓS TUDO
EXTUDO
MUDO

poetas

chega de poesia

aos deuses ambrosia

a nós

2ª via

só cabe

homens-sanduíche

anunciar

o que avisam

a vida

é kitsch

e eles

não bisam

e u

e v

o c

e u

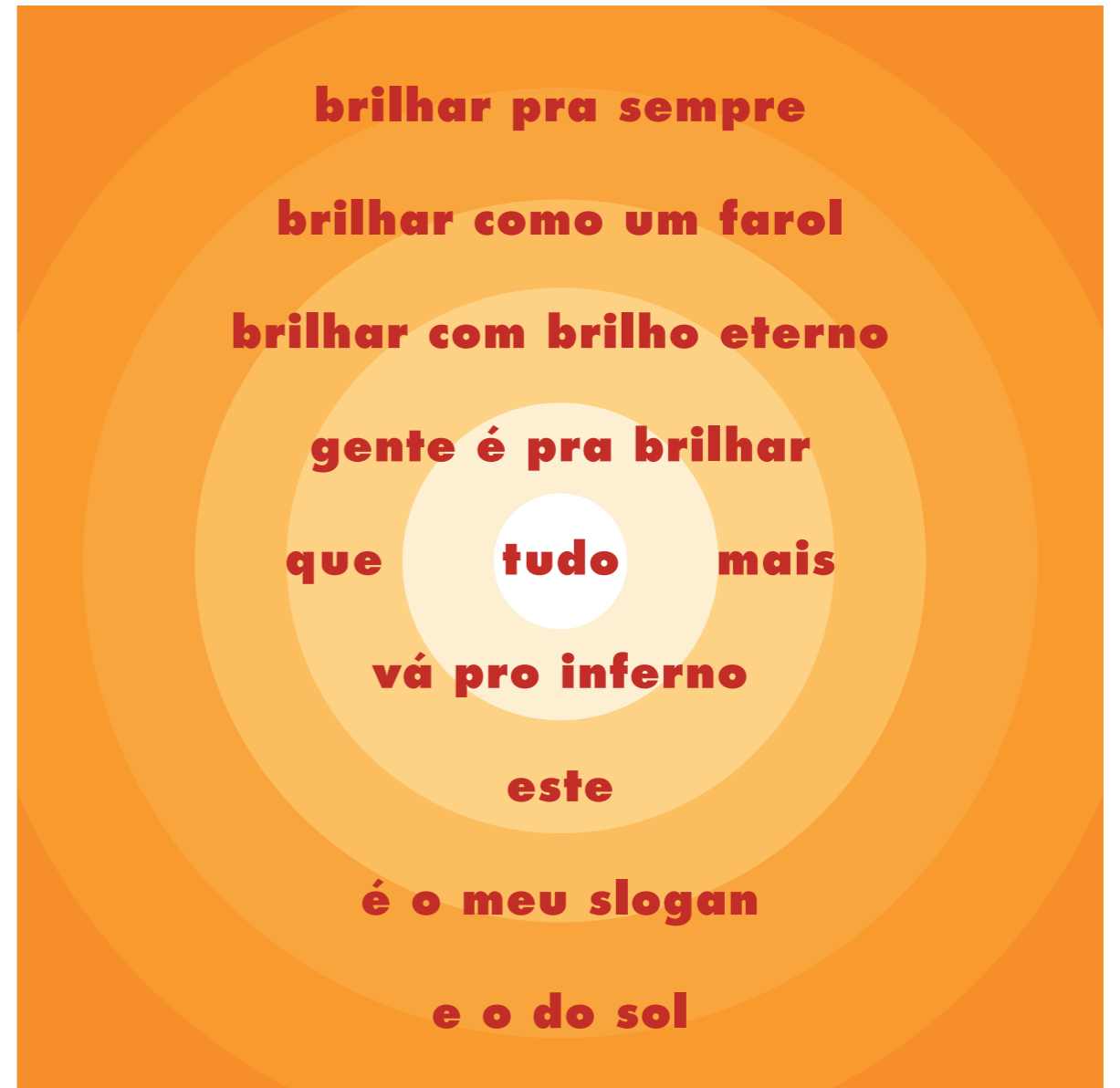
ma

s ó

p e

s s

o a



MSOFTWARE
CORPORATION
SOLUTIONS

MSOFTWARE
CORPORATION

tudo à venda
o cinema
o gênio da raça
a mortalidade infantil
a má distribuição de renda
a comunicação de massa
a injustiça do sistema
o risco Brasil
nenhum poema

aqui: aqui para onde dentro de mim não há nada do que eu sinto e vejo sair
fora fora de mim mesmo sabe rir com o bento trar para dentro da roda vida
deum deum outr o lad omev endo sem sem ever de fo ra ou de de ntro
olha olha não do cave ssom even even ome verp orde ntro epor fora
eolh eolh ando deou trap trap arte arte vend over medo fora do de ntro

BB OO RR BB OO L X TT AA

RR X MM O TT OO
QQ W X
TT X RR

AA X AA Z O

F AA S O

L X W X

RR X MM X RR
TT

DC X TT W AA

F RR
AA OG I L

AA Z AA

S

BB OO RR BB OO L X TT AA

RR X MM O TT OO
QQ W X
TT X RR

AA X AA Z O

F AA S O

L X W X

RR X MM X RR
TT

DC X TT W AA

F RR
AA OG I L

AA Z AA

S

“augusto de campos fez 85 anos. para mim, o maior poeta vivo do brasil. ele vai ao fundo mais fundo da poesia – em sua história, em seu sentido entre as artes – e produz nisso mudanças estruturais cada vez que compõe um poema ou um conjunto de poemas (...) combativo criador da poesia concreta paulistana, augusto até hoje não se deixa atrair por atitudes meia-boca. mais louco do que os profetas, vê nítida a causa superior que o faz desprezar imparcialidades fáceis e equilíbrios convenientes.”

caetano veloso – publicado em redes sociais

“há na poesia de augusto de campos vários olhos e olhares que se sobreimpõem. esses olhares estão estruturados segundo uma síntese minimalista, na frase de gonzalo aguilar (*poesía*, 2003), onde predomina a unidade do espaço da página como fronteira-limite. dentro dos confins da página, as montagens e formas breves muitas vezes se ampliam (...) ou se condensam (...), pondo em movimento trompe-l’oeil as suas formas precisas geométricas.”

david jackson – trecho do texto “augusto de campos e o trompe-l’oeil da poesia concreta”. in: *sobre augusto de campos*. flora sússekind e julio guimarães (eds.). rio de janeiro: 7letras, 2004

“hoje, a poesia de augusto vai além do livro, elevando a voltagem da linguagem concreta ao seu nível mais alto e imprevisível (...) augusto preferiu, mais uma vez, a radicalização – agora por meio da tecnologia: holografias, clip-poemas, poemas-laser projetados nos espaços públicos, oralizações de textos em espetáculos multimídia e em cds (*ouvir*, *poesia é risco*), animações poéticas em cd-roms, *site* com poemas e traduções...”

carlos ávila – trecho do texto “algo sobre augusto”. in: *sobre augusto de campos*. flora sússekind e julio guimarães (eds.). rio de janeiro: 7letras, 2004

“as dimensões semântica (lirismo, crítica social, hommages a amigos e artistas, metalinguagem, ‘mensagens espaciais’ etc.), sonora (palavra-som) e visual (design sígnico no espaço branco; dinamismo de formas; movimento e cor) enformam a poesia de augusto de campos; poesia de pé no presente mas voltada ao futuro (...)”

carlos ávila – trecho do texto “algo sobre augusto”. in: *sobre augusto de campos*. flora sússekind e julio guimarães (eds.). rio de janeiro: 7letras, 2004

“os resultados conseguidos pelo augusto nestas e outras traduções me deixam até perplexo. sendo um poeta ligado à música e às artes plásticas, e que procura realizar poesia através das novas formas de expressão, derivadas do mundo digital, ao mesmo tempo, os resultados que atinge muitas vezes com a expressão verbal parecem até um verdadeiro milagre. depois dele, dá vontade de pedir aos poetas: ‘mãos à obra, precisamos de novas traduções!’”

boris schnaiderman – trecho do texto “o ‘intraduzível’ recriado”. in: *sobre augusto de campos*. flora sússekind e julio guimarães (eds.). rio de janeiro: 7letras, 2004

“e por que digo que campos é um dos grandes poetas do século 20? porque é um inventor de formas. praticou o poema visual com uma plasticidade única; levou ao limite o uso da tipografia e desenhou novas plataformas do poema: a ‘intradução’ que combina traduções com critérios visuais, sonoros e tipográficos; e o ‘clip-poema’ que anima as composições e trabalha com a montagem e o movimento.

(...) enquanto muitos poetas velhos olham o passado com saudade, se retiram do presente e se refugiam nos lauros adquiridos, augusto de campos, o poeta velho mais jovem, faz o nosso presente mais intenso e procura formas nas redes e nos labirintos do cibercontexto em que vivemos para poder experimentar o que virá.”

gonzalo aguilar – *folha de s.paulo*, 01/08/2015

“entre falar e calar, seus poemas parecem dizer o indizível, por não tentar dizê-lo, mas realizá-lo através da linguagem.

dessa condição limítrofe surgem as marcas de negação que vêm caracterizando sua poesia há muitos anos – poetamenos, expoemas, despoesia, o afazer de afasia, o vácuo o vazio o branco, o oco, a canção sem voz, poesia sem placebo, semsaída, nãoopoemas, não.

(...) do menos ao ex, do ex ao des, do des ao não, a poesia de augusto renova sua afirmação.”

arnaldo antunes – prefácio para o livro *não*, 2003

“de augusto de campos direi que, já nos anos 50, quando pensou o seu primeiro conjunto de ‘poemas concretos’, pensou-os estruturalmente enquanto ‘poesia menos’ (a sequência poetamenos, escrita em 1953, publicada em 1955) (...) da economia restrita da ‘poesia pura’ viu-se, a seguir, num determinado lance da prática poética da poesia concreta, que se podia passar à economia generalizada da ‘poesia para’.”

haroldo de campos – trecho do texto “arte pobre, tempo de pobreza e poesia menos” in: *metalinguagem e outras metas*. são paulo: perspectiva, 1992

pré-concretos. em 1956, agosto participa da 1ª exposição nacional de arte concreta, no museu de arte moderna de são paulo (mam-sp), ao lado de outros poetas e de artistas plásticos do recém-formado movimento concretista.

em 1958, agosto elaborou, junto de décio pignatari e haroldo de campos, o plano-piloto da poesia concreta, manifesto síntese das ideias da poesia concreta no brasil, publicado na *noigandres* 4. antes disso, no final de 1956, o poeta já elaborara outro manifesto, intitulado “poesia concreta (manifesto)” e publicado originalmente na revista *ad – arquitetura e decoração*. entre os anos 1960 e 1967, agosto integra o grupo invenção, responsáveis por uma publicação semanal no caderno dominical do jornal *correio paulistano*, que, em 1962, elaboram uma revista homônima, com o subtítulo “revista de arte e vanguarda”.

sua obra literária veio a ser incluída, posteriormente, em muitas mostras de arte, relacionadas ao movimento internacional da arte concreta, bem como em antologias internacionais, como as históricas publicações *concrete poetry: an international anthology*, organizada por stephen bann (londres, 1967);



o poeta, tradutor, ensaísta, crítico de literatura e música, e artista agosto de campos, nasceu em 1931, em são paulo, e formou-se em direito pela universidade de são paulo. seus primeiros poemas e traduções são publicados a partir do final dos anos 1940, em periódicos como *revista de novíssimos*. em 1951, publicou seu primeiro livro de poemas, intitulado *o rei menos o reino*. em 1952, agosto articulou-se com seu irmão haroldo de campos e com décio pignatari para formar “noigandres”, grupo de poetas precursores do movimento da poesia concreta no brasil, responsáveis pelo lançamento, no mesmo ano, da revista-livro *noigandres* 1.

em 1955, o grupo edita o segundo número da revista, no qual a série poetamemos, escritos por agosto de campos, é publicada. esses poemas são considerados, pelos artistas articulados em noigandres, como uma das primeiras manifestações da poesia concreta no brasil e são por eles denominados de



concrete poetry: a world view, por mary ellen solt (university of bloomington, indiana, 1968); *anthology of concrete poetry*, por emmet williams (nova york, 1968). em 2003, recebe o prêmio literário da fundação biblioteca nacional. a produção poética do autor compreende o período de 1951 a 2015, e está reunida nos quatro livros que são o esteio desta exposição: *viva vaia* (1979), *despoesia* (1994), *não* (2003) e *outro* (2015).

como tradutor, agosto se dedicou principalmente a poetas modernos, como pound, joyce, gertrude stein e e.e. cummings, os russos maiakóvski e khliébnikov. além disso, traduziu, ainda, o que ele mesmo denomina “inventores” do passado: arnaut daniel e os trovadores provençais; os clássicos dante alighieri e guido cavalcanti; os poetas metafísicos donne e outros; e, por fim, os simbolistas mallarmé, rimbaud e corbière. suas traduções estão organizadas em algumas antologias e monografias, como *verso so controverso* (1978), *rimbaud livre* (1992) e *coisas e anjos de rilke* (2001).



como ensaísta, é coautor de *teoria da poesia concreta* (1965), com haroldo de campos e décio pignatari, e também autor de livros sobre poesia de vanguarda e de invenção, como *poesia antipoesia antropofagia* (1978), *o anticrítico* (1986), *linguaviagem* (1987) e *à margem da margem* (1989).

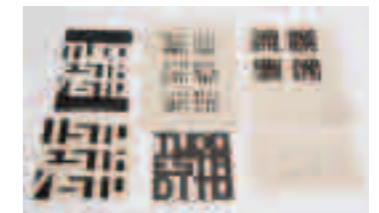
agosto publicou estudos sobre música, entre eles, *balanço da bossa (e outras bossas)* (1974), que reuniu seus estudos sobre o tropicalismo, a mpb e suas intervenções no campo da música contemporânea e dos compositores brasileiros do grupo “música nova”. em *música de invenção* (1998), agosto publica estudos com enfoque na música e poesia de cage e de outros músicos, como varèse, antheil, cowell, nancarrow e scelsi.

a partir de 1980, agosto intensifica os experimentos com as novas mídias, apresentando seus poemas em luminosos, videotextos, neon, hologramas e laser, animações computadorizadas e eventos multimídia, abrangendo



sofismas e música, como a leitura plurivocal de *cidade/city/cité* (com cid campos) (1987/1991). seus poemas holográficos, realizados inicialmente em cooperação com moysés baumstein, foram incluídos nas exposições *triluz* (1986) e *idehologia* (1987). em 1984, agosto de campos produz um videoclipe do poema *o pulsar* (1975) com música de caetano veloso e com a colaboração do grupo olhar eletrônico. em 1992, os poemas *poema bomba* (1987) e *sos* (1983) foram animados numa estação computadorizada da universidade de são paulo e musicados por seu filho, cid campos, iniciando fase de sua produção que culminou na elaboração dos clip-poemas – animações digitais de seus poemas, incorporados à exposição *arte suporte computador*, na casa das rosas, em são paulo, e ao livro de poesia *não* (2003).

essa colaboração teve início em 1987 e foi registrada no cd *poesia é risco*, editado em 1995 pela polygram. em 1996, por ocasião da décima primeira edição do festival videobrasil, o espetáculo homônimo, uma performance “verbivocovisual” de poesia/música/imagem, com edição de vídeo de walter silveira, foi apresentada em diversas cidades do brasil e no exterior. agosto de campos teve inúmeros de seus poemas e traduções musicados e interpretados por artistas como arrigo barnabé, antonio farinaci e adriana calcanhotto. em 2002, realizou-se importante retrospectiva da obra de agosto de campos e de outros poetas concretos brasileiros no centro universitário maria antonia, com curadoria de lenora de barros, joão bandeira e helouise costa. por efeito de tal exposição, foram elaborados catálogos acompanhados por cds, organizados também por cid campos, que trazem registros de sons, gravações antigas e novas versões desses poemas.



além da música, agosto possui uma forte relação com as artes visuais e, desde o início de sua trajetória, sua produção é exibida também em museus e galerias. além da 1ª exposição nacional de arte concreta, de 1956, no mam, participou, em 1964, com a série dos popcretos, de uma exposição na galeria atrium, em são paulo, ao lado de obras de waldemar cordeiro. com julio plaza, elaborou os livro-objeto-poemas *caixa preta* (1975) e *poemóbiles* (1974), ambos expostos na exposição *tendências do livro de artista no brasil*, em 1985, no centro cultural são paulo. seu poema *cidade/city/cité* (1963) foi apresentado na área externa do edifício da bienal de são paulo em mostra com curadoria de julio plaza. além disso, teve inúmeras participações em exposições coletivas no brasil e no exterior, e, recentemente, realizou pequenas mostras individuais em galerias de são paulo e buenos aires. em maio de 2016, inaugurou *rever*, no sesc pompeia, em são paulo, maior mostra individual já realizada por agosto, abarcando toda sua trajetória poética e artística até o presente.

legendas das obras por ordem de entrada no catálogo

poetamenos, 1953
da série poetamenos (1953)
publicado em *viva vaia* (1979)

ovonovelo, 1955
da série ovonovelo (1954–60)
publicado em *viva vaia* (1979)

tensão, 1956
da série ovonovelo (1954–60)
publicado em *viva vaia* (1979)

eixo, 1957
da série ovonovelo (1954–60)
publicado em *viva vaia* (1979)

o anti-ruído, 1964
da série popcretos (1964–66)
publicado em *viva vaia* (1979)

amortemor, 1970
da série equivocábulos (1970)
publicado em *viva vaia* (1979)

profilograma 1
poundmaiakóvski, 1966
da série profilogramas (1966–74)
publicado em *viva vaia* (1979)

rever, 1970
da série equivocábulos (1970)
publicado em *viva vaia* (1979)

viva vaia, 1972
publicado em *viva vaia* (1979)

código, 1973
da série enigmagens (1973–77)
publicado em *viva vaia* (1979)

o pulsar, 1975
da série stelegramas (1975–78)
publicado em *viva vaia* (1979)

o quasar, 1975
da série stelegramas (1975–78)
publicado em *viva vaia* (1979)

tudo está dito, 1974
publicado em *viva vaia* (1979)

sos, 1983
da série expoemas (1979–84)
publicado em *despoesia* (1994)

coraçãocabeça, 1980
da série expoemas (1979–84)
publicado em *despoesia* (1994)

pós-tudo, 1984
da série expoemas (1979–84)
publicado em *despoesia* (1994)

2º via, 1984
da série expoemas (1979–84)
publicado em *despoesia* (1994)

ly, 1990
da série profilogramas (1980–93)
publicado em *despoesia* (1994)

sol de maiiakóvski, 1982/93
da série intraduzões (1972–93)
publicado em *despoesia* (1994)

expelho, 1993
da série despoemas (1983–94)
publicado em *despoesia* (1994)

desgrafite, 1992
da série despoemas (1983–94)
publicado em *despoesia* (1994)

mercado, 2002
da série ex (1994–2002)
publicado em *não* (2003)

aqui, 2001
da série ex (1994–2002)
publicado em *não* (2003)

ter remoto, 2011
da série outro poemas (2000–14)
publicado em *outro* (2015)

deuses, 2012
da série outro poemas (2000–14)
publicado em *outro* (2015)

segunda capa:
augusto de campos por
jean echeverria, 1957

quarta capa:
augusto de campos por
fernando laszlo, 2007

biografia:
estudos e protótipos para
poemóbiles, 1974

haroldo de campos, décio pignatari
e agosto de campos, fundadores
do grupo noigandres, 1952
foto de klaus werner

caetano veloso com o poema-objeto
viva vaia, 1973
foto de ivan cardoso

augusto de campos diante do poema
psiu!, 1966

matéria sobre a exposição
nacional de arte concreta,
publicada no jornal *última hora*,
dez. 1956

estudos para *tudo está dito*, 1974

sesc – serviço social do comércio
administração regional no
estado de são paulo

presidente do conselho regional
abram szajman

diretor do departamento regional
danilo santos de miranda

superintendências
técnico-social joel naimayer padula
comunicação social ivan giannini
administração luiz deoclécio
massaro galina assessoria
técnica e de planejamento sérgio
josé battistelli

gerências
artes visuais e tecnologia juliana
braga de mattos adjunta nilva luz
assistentes sandra leibovici
e kelly teixeira artes gráficas
hélcio magalhães adjunta karina
musumeci assistentes rogério ianelli
e denis tchepelentyky difusão
e promoção marcos ribeiro de
carvalho adjunto fernando filho
estudos e desenvolvimento marta
colabone adjunto iã paulo

sesc pompeia
gerente elisa maria americano
saintive adjunto sérgio pinto
programação thiago freire
(coordenação), alcimar frazão,
carolina barmell e giovana
moraes suzin (núcleo de
artes visuais) comunicação
juliana gontad (coordenação),
frederico zarnauskas
(supervisão gráfica), fernanda
porta nova (assessoria de
imprensa) infraestrutura marcelo
coscarella (coordenação),
rafael della gatta (produção)
alimentação raquel lopes py
atendimento cristina tobias
administrativo paulo delgado
serviços ricardo herculano

REV3Я
augusto de campos

idealização instituto de cultura
contemporânea – icco direção
executiva regina pinho de
almeida e roberto bertani
direção artística e curadoria
daniel rangel direção institucional
têra queiroz produção executiva
bianca volpi coordenação de
comunicação thais gouveia

museografia e projeto expográfico
álvaro razuk arquitetura
assistentes isa gebara, juliana
godoy, ricardo amado e silvana
silva produção musical cid campos
identidade visual celso longo +
daniel trench assistentes felipe
sabatini, manuela vasconcelos e
matheus nepomuceno assistente
de curadoria e pesquisa ana roman
assistente de produção tatiana farias

engenharia estrutural marco antonio
bambicini finalização vídeos
ricardo carioba finalização vídeos
interativos euajato e mandelbrot
finalização vídeos em 3-d fernão
ciampa (embolex), flavio reis,
vj vigas e izi ribeiro (3d mix)
projeto de iluminação beto kaiser
montagem fina gala art installation
montagem instalações arte viva
serigrafia e maurizio zelada
(cenotecnica a.t.) montagem
holografias alberto baumstein
revisão de textos regina stocklen
ação educativa casa tombada

a futura, tipografia que dá forma à maioria dos poemas de Augusto de Campos, foi desenhada em 1924 pelo tipógrafo alemão Paul Renner (1878–1956). A versão digital utilizada aqui na recomposição dos poemas, e em todos os textos que acompanham a exposição, foi desenvolvida em 1999 pela Bauer Types, a partir das matrizes originais em chumbo. Essa publicação foi impressa em papel alta alvura 120 g/m² (miolo) e 240 g/m² (capa) em abril de 2016.